

Pastore promete bom fluxo de caixa ao novo Governo

SÃO PAULO — O próximo Governo não deverá enfrentar maiores dificuldades para fechar o balanço de pagamentos de 1985, nem precisará amargar a ansiedade de conseguir empréstimos suplementares, como o crédito jumbo conseguido a duras penas em 83.

Todos os recursos necessários para cobrir o déficit da conta corrente de 85, estimado em US\$ 3 bilhões, já estão garantidos, segundo análise feita ontem pelo Presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore para O GLOBO. Ele disse que deixa o caixa do Brasil em boa situação financeira e vai cuidar da sua "própria vida". Pastore afirma que não permanecerá no cargo, seja qual for o candidato eleito para a Presidência da República.

Depois da inauguração do prédio da Diretoria do Banco de Crédito Nacional (BNC), em Alphaville, Pastore, descontraído e com muita vontade de falar, fez uma análise de sua gestão, garantindo que o Brasil não vai precisar de dinheiro novo (o que ele chama com intimidade de *new money*) para 1985, a não ser as linhas de crédito para os investimentos sociais, já contratados:

O GLOBO — O Brasil vai precisar de dinheiro novo em 85?

Pastore — Só não vamos precisar de dinheiro novo dos bancos comerciais, do tipo jumbo que fizemos no ano passado. Mas, vamos continuar tendo dinheiro novo do Banco Mundial, do Banco Interamericano e do Fundo Monetário Internacional e vamos continuar a ter investimento direto, *suppliers* (crédito suplementar) e *buyers* (compradores), para linha de comércio. Essas fontes de recursos são suficientes para cobrir todo o déficit de conta corrente do ano que vem e ainda permitir relativa acumulação de reservas. O déficit em conta corrente para 85 está projetado em US\$ 3 bilhões, contra os US\$ 500 milhões deste ano.

O GLOBO — Como o próximo Governo vai conseguir esse dinheiro?

Pastore — No Banco Mundial e no Banco Interamericano, perto de US\$ 1,5 bilhão. Tem, no mínimo, alguma coisa em torno de US\$ 800 milhões em investimentos diretos e perto de US\$ 2 bilhões de *suppliers*, *buyers* e Fundo Monetário. Então, dá para cobrir o déficit da conta corrente e acumular alguma reserva. Esse não é o dinheiro que vamos precisar, mas o dinheiro que já temos assegurado. E não vamos precisar mais que isso.

“Vamos continuar tendo dinheiro novo do Banco Mundial, do Banco Interamericano e do Fundo Monetário Internacional.”

“Estamos também prevendo crescimento da exportação abaixo de seis por cento, contra os 25 por cento deste ano.”

“Temos de continuar fazendo a reserva crescer para que esteja ajustada no momento em que precisarmos ir para o voluntário.”



O GLOBO — Como será possível acumular reservas em 85?

Pastore — Saímos com uma reserva de US\$ 7 bilhões e vamos colocar mais US\$ 1 bilhão em cima (talvez mais, talvez menos, dependendo de como vai caminhar o superávit comercial). Toda previsão que nós fizemos foi no cenário apertado, ou seja, supondo que as coisas caminham sem otimismo. Estamos também prevendo crescimento da exportação abaixo de seis por cento, contra os 25 por cento deste ano. Estamos também supondo crescimento de importação de petróleo da ordem de 25 por cento, que é muito superior ao que aconteceu este ano. E mesmo assim, com Libor de 9,5 por cento (a Libor está a 9 e 5/8) e na pior das hipóteses, num cenário bem realista — não estamos jogando com a sorte — mesmo assim se acumulará reservas em 85.

O GLOBO — Mas, como isso é possível? Existem opiniões divergentes.

Pastore — As hipóteses estão explicitadas, não estamos fazendo polêmica e não sei porque estão polemizando essas previsões. Temos de continuar elevando nossas reservas. Porém acho que elas são suficientes para o tipo de arranjo que estamos imaginando, com as linhas de comércio e com os depósitos interbancários. Ou seja, esse arranjo atual

que nós temos permite que essas reservas sejam suficientes. Significa que nós vamos continuar por mais um ano, talvez dois, tendo de pé o compromisso dos bancos de manterem os depósitos interbancários e as linhas de comércio, no mínimo nos termos em que estão hoje. Isso garante que você não tem nunca oscilações de reservas com saques sincrônicos, de depósito na interbancária ou nas linhas de comércio.

Se a reserva não oscilar, US\$ 7 bilhões é número pouco mais que suficiente, até acima do que seria necessário. No momento em que você compra um relacionamento voluntário no interbancário e nas linhas de comércio, aí você vai precisar de uma reserva maior. Contudo, nós não vamos agora, no relacionamento voluntário, ao interbancário e à linha de comércio. Então não é necessária reserva maior.

O GLOBO — Qual o índice ideal dessa reserva?

Pastore — Temos de continuar fazendo a reserva crescer para que no momento em que precisarmos ir para o voluntário a reserva esteja ajustada. O nível ideal é variável, depende das perspectivas de comércio, fluxo de pagamentos etc. Precisamos de três meses de importação, mais um “colchão” de flutuação, que pode ocorrer por saques sincrônicos no interbancário e na linha co-

mercial. Eu estimaria uma reserva

entre US\$ 10 bilhões e US\$ 10,5 bilhões. Sairemos de US\$ 7,2 bilhões a US\$ 7,5 bilhões deste ano. Mais um bilhão, um bilhão e pouco. Ano que vem ficaremos praticamente com US\$ 9 bilhões em 85, quase chegando no nível de reserva necessário. Em 86, se o balanço comercial não estiver muito bom, pode tomar voluntariamente algum dinheiro novo de bancos ligados a projetos etc. e repor a reserva no nível de US\$ 10 bilhões.

O GLOBO — O ajuste da economia americana não prejudicará?

Pastore — O crescimento econômico americano será menor no ano que vem, porém o crescimento europeu será maior. Dependerá muito de como vai caminhar o dólar em relação às moedas européias. Se o dólar enfraquecer, o comércio que o Brasil perde nos Estados Unidos ganha na Europa e aumenta nossa lá. Como o Brasil é um parceiro comercial mais importante da Europa do que dos Estados Unidos, isso nos favorece. Isso, porém, dependeria de um enfraquecimento do dólar. E não estamos supondo que haverá enfraquecimento do dólar. Nós estamos supondo que o dólar persistirá forte como está este ano e que o crescimento seja só de cinco a seis por cento na exportação.